

KEW GARDENS



VIRGINIA WOOLF

KEW GARDENS

VIRGINIA WOOLF



Todos os direitos reservados para
EDITORA EUROPA

Rua Dom Lucas Obes, 486 - 04212-020
Telefone: (11) 3038-5050 ou (11) 95186-4134 (WhatsApp)
atendimento@europanet.com.br / www.europanet.com.br

Diretor Executivo: Luiz Siqueira
Diretor Editorial: Roberto Araújo



Atendimento

Fabiana Lopes – (11) 3038-5050 / fabiana@europanet.com.br

Publicidade

Angela Taddeo – (11) 98255-6178 / angela.taddeo@europanet.com.br

Comercial

Paula Tauil - (11) 3038-5050 / paula@europanet.com.br

Promoção

Aida Lima - (11) 95311-9331 / aida@europanet.com.br

O olhar de Virgínia Woolf sobre o jardim era único e bastante especial. Em *Kew Gardens*, publicado em 1919, ela transforma um simples passeio pelo famoso jardim botânico de Londres em uma delicada reflexão sobre o tempo, a memória e a convivência entre todas as formas de vida.

Ao ler o artigo *As Metáforas da Botânica*, de Luiz Mors Cabral, publicado na edição 462 da revista *Natureza*, você descobriu como esse conto revolucionou a maneira de representar a natureza na literatura. Aqui, as plantas deixam de ser apenas cenário. Flores, insetos, luz, vento, um caracol e as pessoas compartilham a mesma importância na narrativa, convidando o leitor a observar o mundo com outros olhos.

Apesar de sua brevidade, *Kew Gardens* está longe de ser uma leitura superficial. Em poucas páginas, Virginia Woolf constrói uma obra que transformou a literatura do século XX e continua despertando novas interpretações mais de cem anos depois.

A Revista *Natureza* preparou esta edição especial para que você possa conhecer essa pequena obra-prima em duas versões: na tradução para o português de Laura Lima e também no texto original em inglês, exatamente como foi escrito por Virginia Woolf. Esperamos que, ao fechar este livro, você também tenha a sensação de ter caminhado, ainda que por alguns instantes, entre os canteiros de *Kew Gardens*.

Boa leitura.
Roberto Araújo

VERSÃO TRADUZIDA PARA O PORTUGUÊS

Do canteiro oval erguiam-se talvez uma centena de hastes que, a meia altura, se abriam em folhas em forma de coração ou de língua e, na ponta, desfraldavam pétalas vermelhas, azuis ou amarelas, marcadas por manchas de cor salientes na superfície; e da penumbra vermelha, azul ou amarela da corola emergia uma haste reta, áspera de pó dourado e ligeiramente engrossada na extremidade. As pétalas eram volumosas o bastante para que a brisa de verão as agitasse e, quando se moviam, as luzes vermelha, azul e amarela passavam umas sobre as outras, tingindo uma polegada da terra castanha, logo abaixo, com uma mancha da mais intrincada cor. A luz incidia ora no dorso liso e cinzento de um seixo, ora na concha de um caracol com seus veios castanhos e circulares; ou, ao cair numa gota de chuva, dilatava com tamanha intensidade de vermelho, azul e amarelo as finas paredes de água que se esperava vê-las rebentar e desaparecer. Em vez disso, num instante a gota voltava a ser cinza-prateada, e a luz pousava então na carne de uma folha, revelando sob a superfície o fio ramificado das fibras; depois seguia adiante e espalhava sua claridade pelos vastos espaços verdes sob a abóbada das folhas em forma de coração e de língua. Então a brisa soprou um pouco mais viva lá no alto e a cor lampejou no ar, acima, nos olhos dos homens e das mulheres que caminham por Kew Gardens em julho.

As figuras desses homens e mulheres passavam dispersas pelo canteiro com um movimento curiosamente irregular, não muito diferente do das borboletas brancas e azuis que atravessavam o gramado em voos ziguezagueantes, de um canteiro a outro. O homem ia cerca de quinze centímetros à

frente da mulher, caminhando despreocupado, enquanto ela avançava com maior decisão, voltando a cabeça de vez em quando apenas para ver se as crianças não vinham muito atrás. O homem mantinha deliberadamente aquela distância à frente da mulher, embora talvez o fizesse sem perceber, pois desejava prosseguir em seus pensamentos.

“Há quinze anos vim aqui com Lily”, pensou. “Sentamo-nos em algum lugar ali, junto a um lago, e durante toda aquela tarde quente implorei que se casasse comigo. Como a libélula ficou girando ao nosso redor; como vejo nitidamente a libélula e o sapato dela, com a fivela quadrada de prata sobre a ponta. Durante todo o tempo em que falei, olhei para seu sapato e, quando ele se movia, impaciente, eu sabia, sem erguer os olhos, o que ela diria: ela inteira parecia estar naquele sapato. E meu amor, meu desejo, estavam na libélula; por alguma razão, pensei que, se ela pousasse ali, naquela folha, a folha larga com a flor vermelha no meio, se a libélula pousasse na folha, Lily diria ‘Sim’ imediatamente. Mas a libélula girava e girava; nunca pousou em lugar algum — claro que não, felizmente não, ou eu não estaria caminhando aqui com Eleanor e as crianças... Diga-me, Eleanor. Você pensa alguma vez no passado?”

“Por que pergunta, Simon?”

“Porque tenho pensado no passado. Tenho pensado em Lily, a mulher com quem poderia ter me casado... Bem, por que está calada? Você se incomoda que eu pense no passado?”

“Por que me incomodaria, Simon? Não se pensa sempre no passado, num jardim, com homens e mulheres deitados sob as árvores? Não são eles o nosso passado, tudo o que dele resta, aqueles homens e mulheres, aqueles fantasmas deitados sob as árvores... a nossa felicidade, a nossa realidade?”

“Para mim, uma fivela quadrada de prata num sapato e

uma libélula...”

“Para mim, um beijo. Imagine seis menininhas sentadas diante de seus cavaletes, vinte anos atrás, à margem de um lago, pintando os nenúfares, os primeiros nenúfares vermelhos que eu já vira. E, de repente, um beijo, ali, na minha nuca. Minha mão tremeu durante toda a tarde, e não consegui pintar. Tirei o relógio do bolso e marquei a hora em que me permitiria pensar no beijo por apenas cinco minutos — era tão precioso —, o beijo de uma velha de cabelos grisalhos, com uma verruga no nariz, a mãe de todos os beijos de toda a minha vida. Venha, Caroline; venha, Hubert.”

Seguiram adiante, para além do canteiro, agora os quatro lado a lado, e logo diminuíram entre as árvores e pareceram meio transparentes, enquanto a luz do sol e a sombra nadavam sobre suas costas em grandes manchas irregulares e trêmulas.

No canteiro oval, o caracol, cuja concha estivera tingida de vermelho, azul e amarelo por cerca de dois minutos, pareceu então mover-se muito ligeiramente dentro dela e, em seguida, começou a avançar com esforço sobre os grumos de terra solta, que se desfaziam e rolavam à sua passagem. Parecia ter diante de si um objetivo definido, distinguindo-se nisso do singular inseto verde, anguloso e de passadas altas, que tentou cruzar seu caminho, esperou por um instante com as antenas trêmulas, como se deliberasse, e depois partiu, rápida e estranhamente, na direção oposta. Penhascos castanhos com profundos lagos verdes nas depressões, árvores planas como lâminas que ondulavam da raiz à ponta, blocos arredondados de pedra cinzenta, vastas superfícies amarrotadas de textura fina e estaladiça — todos esses obstáculos se interpunham ao avanço do caracol, entre uma haste e outra, rumo ao seu objetivo. Antes que decidisse se contornaria a tenda arqueada de uma folha morta ou se a enfrentaria, passaram junto ao

canteiro os pés de outros seres humanos.

Desta vez eram dois homens. O mais jovem trazia uma expressão de calma talvez pouco natural; enquanto o companheiro falava, erguia os olhos e os mantinha firmemente fixos à sua frente e, tão logo ele terminava, voltava a olhar para o chão. Às vezes, só abria os lábios depois de uma longa pausa; às vezes, não os abria de modo algum. O mais velho tinha um jeito curiosamente desigual e trêmulo de caminhar, lançando a mão para a frente e erguendo bruscamente a cabeça, um pouco à maneira de um cavalo de carruagem impaciente, cansado de esperar diante de uma casa; mas, no homem, esses gestos eram indecisos e sem propósito. Falava quase sem parar; sorria consigo mesmo e recomeçava a falar, como se o sorriso tivesse sido uma resposta. Falava de espíritos — os espíritos dos mortos que, segundo ele, naquele exato momento lhe contavam toda sorte de coisas estranhas sobre suas experiências no Céu.

“O Céu era conhecido pelos antigos como Tessália, William, e agora, com esta guerra, a matéria espiritual rola entre as colinas como um trovão.” Fez uma pausa, pareceu escutar, sorriu, sacudiu a cabeça e continuou:

“Você tem uma pequena bateria elétrica e um pedaço de borracha para isolar o fio — separar? — isolar? — bem, deixemos de lado os detalhes, não adianta entrar em detalhes que não seriam compreendidos — e, em suma, a pequena máquina fica em qualquer posição conveniente junto à cabeceira da cama, digamos, sobre uma bonita mesinha de mogno. Depois que todos os dispositivos estiverem devidamente instalados por operários sob minha direção, a viúva aproxima o ouvido e convoca o espírito por meio do sinal combinado.

“Mulheres! Viúvas! Mulheres de preto...”

Nesse momento, pareceu ter avistado ao longe o vestido de

uma mulher que, à sombra, parecia negro-arroxeadado. Tirou o chapéu, levou a mão ao coração e apressou-se em sua direção, murmurando e gesticulando febrilmente. Mas William o segurou pela manga e tocou uma flor com a ponta da bengala, para desviar a atenção do velho. Depois de contemplá-la por um instante, um tanto confuso, o velho inclinou o ouvido para a flor e pareceu responder a uma voz que falava de dentro dela, pois começou a discorrer sobre as florestas do Uruguai, que visitara centenas de anos antes na companhia da mais bela jovem da Europa. Podia-se ouvi-lo murmurar sobre florestas uruguaias recobertas de pétalas cerosas de rosas tropicais, rouxinóis, praias, sereias e mulheres afogadas no mar, enquanto consentia em ser conduzido por William, em cujo rosto a expressão de paciência estoica se tornava pouco a pouco mais profunda.

Seguindo seus passos tão de perto que seus gestos as deixavam um tanto perplexas, vinham duas senhoras idosas da baixa classe média, uma corpulenta e pesada, a outra ágil e de faces rosadas. Como a maioria das pessoas de sua condição, sentiam-se abertamente fascinadas por qualquer sinal de excentricidade que denunciasse uma mente perturbada, sobretudo entre os abastados; mas estavam longe demais para saber ao certo se os gestos eram apenas excêntricos ou genuinamente loucos. Depois de examinarem em silêncio as costas do velho por um instante e trocarem um olhar estranho e malicioso, prosseguiram, juntando com energia os pedaços de seu complicadíssimo diálogo:

“Nell, Bert, Lot, Cess, Phil, Pai, ele diz, eu digo, ela diz, eu digo, eu digo, eu digo —”

“Meu Bert, Sis, Bill, Vovô, o velho, açúcar,

Açúcar, farinha, arenques, verduras,

Açúcar, açúcar, açúcar.”

A mulher pesada olhou, através do desenho das palavras que

caíam, para as flores que se erguiam frescas, firmes e eretas na terra, com uma expressão curiosa. Via-as como alguém que, despertando de um sono profundo, vê um castiçal de latão refletir a luz de uma maneira desconhecida, fecha os olhos e torna a abri-los e, ao ver novamente o castiçal, por fim desperta de todo e o contempla com todas as suas forças. Assim, a mulher pesada parou diante do canteiro oval e deixou até mesmo de fingir que escutava o que a outra dizia. Ficou ali, deixando as palavras caírem sobre ela, balançando lentamente o tronco para a frente e para trás, olhando as flores. Então sugeriu que procurassem um banco e tomassem chá.

O caracol já havia considerado todas as maneiras possíveis de alcançar seu objetivo sem contornar a folha morta nem subir por cima dela. À parte o esforço necessário para escalar uma folha, duvidava que aquela fina textura, que vibrava com um estalido tão alarmante quando tocada até mesmo pela ponta de seus tentáculos, pudesse suportar seu peso; e isso por fim o decidiu a rastejar por baixo dela, pois havia um ponto em que a folha se arqueava a uma altura suficiente do chão para lhe dar passagem. Acabara de introduzir a cabeça na abertura, avaliava o alto teto castanho e começava a se habituar à fresca luz castanha quando outras duas pessoas passaram do lado de fora, pelo gramado. Desta vez eram ambas jovens, um rapaz e uma moça. Estavam no apogeu da juventude, ou mesmo naquela estação que precede o apogeu da juventude, a estação anterior ao momento em que as suaves dobras rosadas da flor rompem seu invólucro pegajoso, quando as asas da borboleta, embora plenamente formadas, permanecem imóveis ao sol.

“Ainda bem que hoje não é sexta-feira”, observou ele.

“Por quê? Você acredita em sorte?”

“Às sextas-feiras cobram seis pence.”

“E o que são seis pence, afinal? Não vale seis pence?”

“O que é que ‘vale’? O que você quer dizer com ‘isso’?”

“Ah, qualquer coisa... quero dizer... você sabe o que quero dizer.”

Longas pausas separavam cada uma dessas observações; eram pronunciadas em vozes monótonas, sem qualquer entonação. O casal permanecia imóvel à beira do canteiro e, juntos, enterravam profundamente a ponta da sombrinha dela na terra macia. O gesto e o fato de que a mão dele repousava sobre a dela expressavam seus sentimentos de uma maneira estranha, assim como aquelas palavras curtas e insignificantes também expressavam alguma coisa: palavras com asas curtas demais para o pesado corpo de sentido que carregavam, incapazes de levá-lo muito longe e que, por isso, pousavam desajeitadas sobre os objetos tão comuns ao redor, objetos que, ao toque inexperiente dos dois, pareciam tão imensos; mas quem sabe — pensavam enquanto enterravam a sombrinha na terra — que precipícios não estariam ocultos neles, ou que encostas de gelo não brilhariam ao sol do outro lado? Quem sabe? Quem jamais vira aquilo antes? Mesmo quando ela se perguntou que tipo de chá serviam em Kew, ele sentiu que alguma coisa se avolumava por trás de suas palavras e permanecia ali, vasta e sólida; e a névoa ergueu-se muito devagar e revelou — oh, Céus, que formas eram aquelas? — pequenas mesas brancas e garçonetes que primeiro olhavam para ela e depois para ele; e havia uma conta que ele pagaria com uma moeda verdadeira de dois xelins, e era real, tudo real, assegurou a si mesmo, apalpando a moeda no bolso, real para todos, menos para ele e para ela; até para ele começava a parecer real; e então... Mas era emocionante demais continuar ali parado, pensando, e ele arrancou a sombrinha da terra com um puxão, impaciente para encontrar o lugar onde se tomava chá entre as outras pessoas, como as outras pessoas.

“Vamos, Trissie; está na hora de tomarmos nosso chá.”

“Mas onde é que se toma chá?” perguntou ela, com o mais estranho frêmito de entusiasmo na voz, olhando vagamente ao redor e deixando-se levar pelo caminho de grama, arrastando a sombrinha, voltando a cabeça para um lado e para o outro, esquecendo-se do chá, querendo ir até ali e depois até lá, lembrando-se de orquídeas e groux entre flores silvestres, de um pagode chinês e de um pássaro de crista carmesim; mas ele a conduzia adiante.

Assim, um casal depois de outro passava pelo canteiro com movimentos irregulares e sem rumo muito semelhantes e era envolvido por camada após camada de vapor verde-azulado, no qual, a princípio, os corpos tinham substância e um traço de cor, mas depois tanto a substância quanto a cor se dissolviam na atmosfera verde-azulada. Como estava quente! Tão quente que até o tordo preferia saltitar, como um pássaro mecânico, à sombra das flores, com longas pausas entre um movimento e o seguinte; em vez de vaguearem sem rumo, as borboletas brancas dançavam umas acima das outras, formando com seus flocos brancos e cambiantes o contorno de uma coluna de mármore despedaçada sobre as flores mais altas; os telhados de vidro da estufa das palmeiras brilhavam como se um mercado inteiro repleto de reluzentes guarda-sóis verdes tivesse se aberto ao sol; e, no ronco do aeroplano, a voz do céu de verão murmurava sua alma feroz. Amarelas e negras, rosadas e brancas como a neve, formas de todas essas cores — homens, mulheres e crianças — surgiam por um segundo no horizonte e então, ao verem a extensão de amarelo pousada sobre a relva, hesitavam e buscavam a sombra sob as árvores, dissolvendo-se como gotas de água na atmosfera amarela e verde, tingindo-a levemente de vermelho e azul. Era como se todos os corpos pesados e grosseiros houvessem tombado, imóveis, sob o calor e jazessem

amontoados no chão; mas suas vozes desprendiam-se deles, trêmulas, como chamas pendendo dos grossos corpos de cera das velas. Vozes. Sim, vozes. Vozes sem palavras, rompendo de súbito o silêncio com tamanha profundidade de contentamento, tamanha paixão de desejo ou, nas vozes das crianças, tamanho frescor de surpresa; rompendo o silêncio? Mas não havia silêncio; durante todo o tempo, os ônibus giravam as rodas e trocavam de marcha; como um imenso conjunto de caixas chinesas, todas de aço trabalhado, girando incessantemente umas dentro das outras, a cidade murmurava; e, acima de tudo isso, as vozes clamavam e as pétalas de miríades de flores lançavam suas cores ao ar.

VERSÃO ORIGINAL EM INGLÊS

From the oval-shaped flower-bed there rose perhaps a hundred stalks spreading into heart-shaped or tongue-shaped leaves half way up and unfurling at the tip red or blue or yellow petals marked with spots of colour raised upon the surface; and from the red, blue or yellow gloom of the throat emerged a straight bar, rough with gold dust and slightly clubbed at the end. The petals were voluminous enough to be stirred by the summer breeze, and when they moved, the red, blue and yellow lights passed one over the other, staining an inch of the brown earth beneath with a spot of the most intricate colour. The light fell either upon the smooth, grey back of a pebble, or, the shell of a snail with its brown, circular veins, or falling into a raindrop, it expanded with such intensity of red, blue and yellow the thin walls of water that one expected them to burst and disappear. Instead, the drop was left in a second silver grey once more, and the light now settled upon the flesh of a leaf, revealing the branching thread of fibre beneath the surface, and again it moved on and spread its illumination in the vast green spaces beneath the dome of the heart-shaped and tongue-shaped leaves. Then the breeze stirred rather more briskly overhead and the colour was flashed into the air above, into the eyes of the men and women who walk in Kew Gardens in July.

The figures of these men and women straggled past the flower-bed with a curiously irregular movement not unlike that of the white and blue butterflies who crossed the turf in zig-zag flights from bed to bed. The man was about six inches in front of the woman, strolling carelessly, while she bore on with greater purpose, only turning her head now and then to see that the

children were not too far behind. The man kept this distance in front of the woman purposely, though perhaps unconsciously, for he wished to go on with his thoughts.

"Fifteen years ago I came here with Lily," he thought. "We sat somewhere over there by a lake and I begged her to marry me all through the hot afternoon. How the dragonfly kept circling round us: how clearly I see the dragonfly and her shoe with the square silver buckle at the toe.

All the time I spoke I saw her shoe and when it moved impatiently I knew without looking up what she was going to say: the whole of her seemed to be in her shoe. And my love, my desire, were in the dragonfly; for some reason I thought that if it settled there, on that leaf, the broad one with the red flower in the middle of it, if the dragonfly settled on the leaf she would say 'Yes' at once. But the dragonfly went round and round: it never settled anywhere—of course not, happily not, or I shouldn't be walking here with Eleanor and the children—Tell me, Eleanor.

D'you ever think of the past?"

"Why do you ask, Simon?"

"Because I've been thinking of the past. I've been thinking of Lily, the woman I might have married.... Well, why are you silent? Do you mind my thinking of the past?"

"Why should I mind, Simon? Doesn't one always think of the past, in a garden with men and women lying under the trees? Aren't they one's past, all that remains of it, those men and women, those ghosts lying under the trees,... one's happiness, one's reality?"

"For me, a square silver shoe buckle and a dragonfly—"

"For me, a kiss. Imagine six little girls sitting before their easels twenty years ago, down by the side of a lake, painting the water-

lilies, the first red water-lilies I'd ever seen. And suddenly a kiss, there on the back of my neck. And my hand shook all the afternoon so that I couldn't paint. I took out my watch and marked the hour when I would allow myself to think of the kiss for five minutes only—it was so precious—the kiss of an old grey-haired woman with a wart on her nose, the mother of all my kisses all my life. Come, Caroline, come, Hubert."

They walked on the past the flower-bed, now walking four abreast, and soon diminished in size among the trees and looked half transparent as the sunlight and shade swam over their backs in large trembling irregular patches.

In the oval flower bed the snail, whose shell had been stained red, blue, and yellow for the space of two minutes or so, now appeared to be moving very slightly in its shell, and next began to labour over the crumbs of loose earth which broke away and rolled down as it passed over them. It appeared to have a definite goal in front of it, differing in this respect from the singular high stepping angular green insect who attempted to cross in front of it, and waited for a second with its antennæ trembling as if in deliberation, and then stepped off as rapidly and strangely in the opposite direction. Brown cliffs with deep green lakes in the hollows, flat, blade-like trees that waved from root to tip, round boulders of grey stone, vast crumpled surfaces of a thin crackling texture—all these objects lay across the snail's progress between one stalk and another to his goal. Before he had decided whether to circumvent the arched tent of a dead leaf or to breast it there came past the bed the feet of other human beings.

This time they were both men. The younger of the two wore an expression of perhaps unnatural calm; he raised his eyes and fixed them very steadily in front of him while his companion spoke, and directly his companion had done speaking he looked on the ground again and sometimes opened his lips only after a long

pause and sometimes did not open them at all. The elder man had a curiously uneven and shaky method of walking, jerking his hand forward and throwing up his head abruptly, rather in the manner of an impatient carriage horse tired of waiting outside a house; but in the man these gestures were irresolute and pointless. He talked almost incessantly; he smiled to himself and again began to talk, as if the smile had been an answer. He was talking about spirits—the spirits of the dead, who, according to him, were even now telling him all sorts of odd things about their experiences in Heaven.

“Heaven was known to the ancients as Thessaly, William, and now, with this war, the spirit matter is rolling between the hills like thunder.” He paused, seemed to listen, smiled, jerked his head and continued:—

“You have a small electric battery and a piece of rubber to insulate the wire—isolate?—insulate?—well, we’ll skip the details, no good going into details that wouldn’t be understood—and in short the little machine stands in any convenient position by the head of the bed, we will say, on a neat mahogany stand. All arrangements being properly fixed by workmen under my direction, the widow applies her ear and summons the spirit by sign as agreed.

Women! Widows! Women in black—”

Here he seemed to have caught sight of a woman’s dress in the distance, which in the shade looked a purple black. He took off his hat, placed his hand upon his heart, and hurried towards her muttering and gesticulating feverishly. But William caught him by the sleeve and touched a flower with the tip of his walking-stick in order to divert the old man’s attention. After looking at it for a moment in some confusion the old man bent his ear to it and seemed to answer a voice speaking from it, for he began talking about the forests of

Uruguay which he had visited hundreds of years ago in company with the most beautiful young woman in Europe. He could be heard murmuring about forests of Uruguay blanketed with the wax petals of tropical roses, nightingales, sea beaches, mermaids, and women drowned at sea, as he suffered himself to be moved on by William, upon whose face the look of stoical patience grew slowly deeper and deeper.

Following his steps so closely as to be slightly puzzled by his gestures came two elderly women of the lower middle class, one stout and ponderous, the other rosy cheeked and nimble. Like most people of their station they were frankly fascinated by any signs of eccentricity betokening a disordered brain, especially in the well-to-do; but they were too far off to be certain whether the gestures were merely eccentric or genuinely mad. After they had scrutinised the old man's back in silence for a moment and given each other a queer, sly look, they went on energetically piecing together their very complicated dialogue:

"Nell, Bert, Lot, Cess, Phil, Pa, he says, I says, she says, I says, I says, I says—"

"My Bert, Sis, Bill, Grandad, the old man, sugar,

Sugar, flour, kippers, greens

Sugar, sugar, sugar."

The ponderous woman looked through the pattern of falling words at the flowers standing cool, firm, and upright in the earth, with a curious expression. She saw them as a sleeper waking from a heavy sleep sees a brass candlestick reflecting the light in an unfamiliar way, and closes his eyes and opens them, and seeing the brass candlestick again, finally starts broad awake and stares at the candlestick with all his powers. So the heavy woman came to a standstill opposite the oval-shaped flower bed, and ceased even to pretend to listen to what the other woman was saying.

She stood there letting the words fall over her, swaying the top part of her body slowly backwards and forwards, looking at the flowers. Then she suggested that they should find a seat and have their tea.

The snail had now considered every possible method of reaching his goal without going round the dead leaf or climbing over it. Let alone the effort needed for climbing a leaf, he was doubtful whether the thin texture which vibrated with such an alarming crackle when touched even by the tip of his horns would bear his weight; and this determined him finally to creep beneath it, for there was a point where the leaf curved high enough from the ground to admit him. He had just inserted his head in the opening and was taking stock of the high brown roof and was getting used to the cool brown light when two other people came past outside on the turf. This time they were both young, a young man and a young woman. They were both in the prime of youth, or even in that season which precedes the prime of youth, the season before the smooth pink folds of the flower have burst their gummy case, when the wings of the butterfly, though fully grown, are motionless in the sun.

“Lucky it isn’t Friday,” he observed.

“Why? D’you believe in luck?”

“They make you pay sixpence on Friday.”

“What’s sixpence anyway? Isn’t it worth sixpence?”

“What’s ‘it’—what do you mean by ‘it’?”

“O, anything—I mean—you know what I mean.”

Long pauses came between each of these remarks; they were uttered in toneless and monotonous voices. The couple stood still on the edge of the flower bed, and together pressed the end of her parasol deep down into the soft earth. The action and

the fact that his hand rested on the top of hers expressed their feelings in a strange way, as these short insignificant words also expressed something, words with short wings for their heavy body of meaning, inadequate to carry them far and thus alighting awkwardly upon the very common objects that surrounded them, and were to their inexperienced touch so massive; but who knows (so they thought as they pressed the parasol into the earth) what precipices aren't concealed in them, or what slopes of ice don't shine in the sun on the other side? Who knows? Who has ever seen this before? Even when she wondered what sort of tea they gave you at Kew, he felt that something loomed up behind her words, and stood vast and solid behind them; and the mist very slowly rose and uncovered—O, Heavens, what were those shapes?—little white tables, and waitresses who looked first at her and then at him; and there was a bill that he would pay with a real two shilling piece, and it was real, all real, he assured himself, fingering the coin in his pocket, real to everyone except to him and to her; even to him it began to seem real; and then—but it was too exciting to stand and think any longer, and he pulled the parasol out of the earth with a jerk and was impatient to find the place where one had tea with other people, like other people.

“Come along, Trissie; it's time we had our tea.”

“Wherever does one have one's tea?” she asked with the oddest thrill of excitement in her voice, looking vaguely round and letting herself be drawn on down the grass path, trailing her parasol, turning her head this way and that way, forgetting her tea, wishing to go down there and then down there, remembering orchids and cranes among wild flowers, a Chinese pagoda and a crimson crested bird; but he bore her on.

Thus one couple after another with much the same irregular and aimless movement passed the flower-bed and were enveloped in layer after layer of green blue vapour, in which

at first their bodies had substance and a dash of colour, but later both substance and colour dissolved in the green-blue atmosphere. How hot it was! So hot that even the thrush chose to hop, like a mechanical bird, in the shadow of the flowers, with long pauses between one movement and the next; instead of rambling vaguely the white butterflies danced one above another, making with their white shifting flakes the outline of a shattered marble column above the tallest flowers; the glass roofs of the palm house shone as if a whole market full of shiny green umbrellas had opened in the sun; and in the drone of the aeroplane the voice of the summer sky murmured its fierce soul. Yellow and black, pink and snow white, shapes of all these colours, men, women, and children were spotted for a second upon the horizon, and then, seeing the breadth of yellow that lay upon the grass, they wavered and sought shade beneath the trees, dissolving like drops of water in the yellow and green atmosphere, staining it faintly with red and blue. It seemed as if all gross and heavy bodies had sun down in the heat motionless and lay huddled upon the ground, but their voices went wavering from them as if they were flames lolling from the thick waxen bodies of candles. Voices. Yes, voices. Wordless voices, breaking the silence suddenly with such depth of contentment, such passion of desire, or, in the voices of children, such freshness of surprise; breaking the silence? But there was no silence; all the time the motor omnibuses were turning their wheels and changing their gear; like a vast nest of Chinese boxes all of wrought steel turning ceaselessly one within another the city murmured; on the top of which the voices cried aloud and the petals of myriads of flowers flashed their colours into the air.

Livro em domínio público. Todos os direitos gráficos e da presente
tradução para o português reservados para a Editora Europa

